

ROTEIROS CULTURAIS DOS

Açores

Personalidades



DIAS
DE MELO

José DIAS DE MELO (1925-2008) é um dos poucos escritores açorianos da atualidade que têm projeção nacional, não só pela qualidade e pela quantidade dos livros que escreveu e publicou, mas também pela regularidade com que o fez; e, sobretudo, porque escolheu temas que só ele soube desenvolver, tocando o mais profundo e o mais universal do ser humano mas partindo da realidade açoriana. Dias de Melo é, por isso, um escritor estruturante no contexto da produção cultural açoriana, e nesta medida fundamental para quem quiser compreender a literatura que hoje é feita por escritores açorianos.

A obra literária de Dias de Melo foi construída de acordo com dois parâmetros principais: o primeiro tem a ver com as nossas gentes e as suas vivências culturais, que tão bem documentam a relação de vida e de morte, de presença e de ausência, de amor e de ódio — que durante séculos o açoriano foi estabelecendo com o mar, seu companheiro de todos os dias; o segundo rege-se pela necessidade de o escritor refletir sobre a sua condição de homem e de escritor, projetando nos seus livros as suas próprias experiências e saberes da escrita: quando fala de baleeiros, de emigrantes ou de escritores, Dias de Melo baseia-se no que aprendeu com a vida — usando uma admirável técnica narrativa, uma frescura de linguagem que não faz concessões à facilidade e ao regionalismo folclóricos, uma singela autenticidade dos tipos humanos que recria, assim atualizando os ecos vivos daquele passado telúrico, situado muito para além da colonização das ilhas, onde, como afiançava Nemésio, se projeta espiritualmente a vida açoriana.

De entre toda a sua vasta obra literária, é de salientar *Pedras Negras* (1964), uma narrativa da vida, trabalhos e morte de dois heróis vencidos — Francisco Marroco e João Peixe-Rei —, escrita num registo apropriado aos tempos de despertar que em Portugal se viviam na década de 1960: a pobreza crónica das ilhas, aliada às notícias de soldados mortos nas guerras coloniais então sem fim à vista, alimentara uma nova onda de emigração para a América — já não a salto, como de antes, para os barcos baleeiros de New Bedford, mas por carta de chamada, ou com visto “de visita,” para as leitarias da Califórnia.

Falamos de açorianidade quando falamos de *Pedras Negras*, da açorianidade picarota, que o mesmo é dizer, da alma de uma gente rija que jamais se deixou embrandecer por séculos de “fome, secas, ciclones, fogo de vulcões, terramotos,” sobrevividos numa ilha de pedras negras de onde sempre se quis sair (porque “a ilha escorraça a gente”), e a que sempre se quis regressar (porque “a ilha chama pela gente”) — numa relação de vida e de morte, de presença e de ausência, de amor e de ódio, de prosperidade e de falência, de sonho e de pesadelo com o mar — companheiro de todos os dias, às vezes abridor dos caminhos do mundo, outras vezes túmulo dos sonhos do homem (como João Peixe-Rei, cuja morte, nas lonjuras do Cabo Horn, constitui um dos momentos mais altos e de maior sentimento da narrativa). Uma açorianidade que tem por paladino Francisco Marroco, que, de uma infância de fome nos princípios do século XX, fugira a salto num baleeiro americano, assim correndo os mares do mundo e depois as terras da América, no ganho da vida que acabaria por trazer de regresso à ilha, e aqui morrer, não sem que antes visitasse o filho António na cadeia só porque ele ousara denunciar os abusos de um capitalismo — ainda incipiente, mas já triunfante — que viria transformar para sempre a velha arte, que os homens do Pico tão bem sabiam fazer, de entremear os trabalhos na terra com a baleação no mar...

Dias de Melo, na senda desta boa tradição dos homens de dois ofícios, entremeou a sua experiência de profundo conhecedor da vida, sofrimento e morte dos homens da baleação — e recorde-se a sua monumental recolha de narrativas ligadas à baleação, publicada em vários

volumes com o título *Na Memória das Gentes* (1985-1991) —, com a sua experiência de escritor abundante e variado que também reflete sobre a sua condição de autor, de que nos legou testemunho no romance *O Autógrafo* (1999), e, sobretudo, de homem íntegro e trabalhador que, num momento forte da sua vida, entende refletir sobre o que foi a sua vida e a sua obra — como acontece, por um bom exemplo, no romance *Milhas Contadas* (2002).

A expressão “milhas contadas,” recolhida junto dos heróis do mar açoriano, significa que se aproxima o fim da viagem, que a terra já está à vista, que os nossos heróis — sejam eles os baleeiros do Pico, o escritor que lhes compôs a epopeia, ou o Pedro António que é o herói deste romance — estão de regresso, trazendo consigo toda uma história de vida para contar a quem não se apartou da Ilha.

Mas também, mais prosaicamente, *milhas contadas* são os poemas, os romances, os contos, as crónicas, as recolhas etnográficas ou as monografias que Dias de Melo concebeu e publicou ao longo de sessenta e quatro anos — e que em si representam, pelo menos, duas vidas: a vida pessoal de um escritor talentoso, trabalhador e apaixonado, e a vida coletiva que é a das gentes do Pico, que são, no fundo, a verdadeira razão de ser da obra de Dias de Melo. Milha a milha — ou seja, livro a livro —, Dias de Melo foi construindo aquela que é, em muitas perspetivas, entre as quais a da “autenticidade,” uma das obras mais singulares da literatura portuguesa dos últimos anos.

Credenciais:

A elaboração deste Roteiro contou com a colaboração dedicada e amiga de:

Tomaz Gomes Vieira, amigo do escritor, atual proprietário da “Casa dos Pais”

Manuel Tomás, amigo do escritor, Presidente do Conselho Executivo da Escola Básica e Secundária da Madalena.

Fernando Ranha, VerAçor Editores.

Manuel Francisco Costa Júnior, Diretor do Museu do Pico.

Fátima Madruga, autora da imagem da capa *Retrato de Dias de Melo*.

Nota: os textos citados respeitam a grafia anterior ao Acordo Ortográfico.

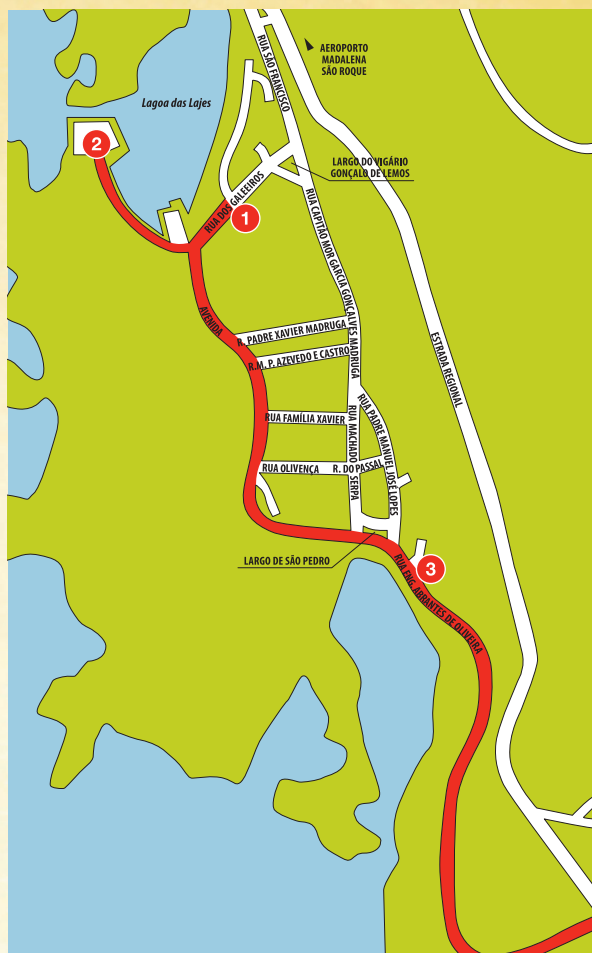


ILHA DO PICO

UM PERCURSO PELO PICO de DIAS DE MELO

“Sou escritor. Português – porque sou cidadão do meu País, Portugal. Açoriano – porque sou cidadão dos Açores. Mas, mais restritamente e acima de tudo – sou um escritor do Pico. Da minha Ilha, da minha Terra. E, porque sou Povo – do Povo da minha, da nossa Ilha, da minha, da nossa Terra. Boa parte dos meus livros aqui, na nossa Ilha, na nossa Terra, se situa. Do Povo, do nosso Povo, são os modelos da grande maioria das personagens que neles vivem. Do Povo, do nosso Povo, com as suas virtudes e seus defeitos, seus amores e seus rancores, seus afectos e suas quezilas, suas dedicações, e suas indiferenças, suas solidariedades e suas hostilidades, suas lealdades e suas traições, seus heroísmos e suas cobardias. Enfim: seus anjos e seus demónios. Os mesmos anjos e os mesmos demónios que são parte integrante de todo o ser humano. Até dos santos.”

Dias de Melo



VILA DAS LAJES

VILA DAS LAJES – Início do percurso a pé



- 1 Museu dos Baleeiros, no local das antigas Casas dos Botes das “Companhias de Baixo”

Saindo do **Museu dos Baleeiros**, seguir até à ponta do molhe na entrada da **Lagoa das Lajes**, e daí apreciar a vista da frente marinha da Vila voltada a **Noroeste**, onde se destacam



- 2 As antigas Casas dos Botes das “Companhias de Cima”, atual Clube Náutico, e o Convento de S. Francisco, sede da Câmara Municipal

As Lajes foram o maior centro baleeiro do Pico dos Açores: chegaram a tripular vinte e um botes e cinco lanchas baleeiras. Lá continuam as suas casas-dos-botes, das companhias “cá de baixo”, da vila, na curva da margem sueste da Alagoa, das companhias “lá de cima”, da Ribeira do Meio, ao fundo, aos pés do Convento de S. Francisco.

(Na Memória das Gentes)

Regressar à **Rua dos Baleeiros** e seguir a Avenida em direção a sul, até ao Largo de S. Pedro onde se pode apreciar, já no início da **Rua Eng. Arantes Oliveira**, a



- 3 Ermida de S. Pedro

Início do percurso em viatura

Subindo a **Rua Eng. Arantes Oliveira**, entrar na **Estrada Regional 1-2A**, seguir no sentido **este** por cerca de 7 Km, e descer o ramal de **Santa Cruz das Ribeiras**, importante porto da faina baleeira e da pesca do atum:



- 4 Igreja de Santa Cruz das Ribeiras, junto ao porto

Com seu casario muito branco aconchegadinho na planura estreita da beira-mar, ao redor do seu porto amuralhado fronteiro à igreja, à casa-dos-botes, ao Centro Paroquial, no recanto da grande baía voltada ao sol nascente, Santa Cruz das Ribeiras como que se ajoelha aos pés da longa e sobranceira encosta (...). Lugar de terra boa, mas, ao contrário de Santa Bárbara, pouquinho, tão pouquinho que não chega para o seu sustento, tem, forçosamente, que se voltar para o mar e duramente – mais duramente que em qualquer outro lado – se entregar às labutas do mar.

(Na Memória das Gentes)

Regressando à **Estrada Regional 1-2A**, seguir cerca de 10 Km na direção **este** até à **Canada da Saúde**, que desce em direção à Freguesia de



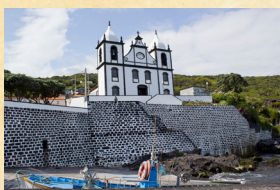
- 5 Calheta de Nesquim, terra natal de Dias de Melo



escala: 1/10 000
fonte: DRT, 2006

Derramada por extensos e acidentados campos, no alto, nas proximidades das pastagens, casas dispersas e terras de cultivo (...), campos de cultivo e casas descendo para os campos e vinhedos da beira-mar, com suas adegas, (...) todos os caminhos a virem dar ao Terreiro, centro populacional e comercial principal à ilharga do porto, aos pés da igreja de torres mouriscas, entre a Ponta do Morrocoão a oeste, a Baía e a Ponta da Feiteira esgaldada a leste, a Calheta de Nesquim é o mais antigo lugar de baleeiros do Pico, talvez dos Açores.
(Na Memória das Gentes)

Aqui, todos os caminhos vão dar ao **Terreiro** – junto ao qual a



6 Igreja domina o porto

Para os ver partir, muita gente veio ao cais, ao Terreiro, ao adro da igreja no alto dos rochedos, por cima do porto. Gente de almas conturbadas em suas carrancas de pedra que os não querem ali, prantados em suas barbas, com os botes e a lancha da Companhia Nova.
(Mar pela Proa)

Nas imediações do porto e do Terreiro, podem visitar-se as antigas Casas dos Botes, onde se encontram expostos alguns botes baleeiros e, junto a elas, varada, a lancha **Medina**:



7 Casa dos Botes, ao cimo do varadouro, e a Lancha Medina

Se não ia à pesca ou se, pela manhã fora, às vezes pela tarde adiante, tinha que esperar maré propícia para a pesca, aguardava, velho hábito, naquele carango da casa-dos-botes... (...) Um dia... Não estávamos nesse dia na casa -dos-botes, mas cá fora, na banqueta em frente à porta da taberna do Ernesto, ao cabo de cima do varadouro. Encostada ao cais, a lancha, a Medina, esperava a doida, pronta a sair com a doida para a Terceira.
(Crônicas do Alto da Rocha do Canto da Baía)

Visitada a zona baleeira da Freguesia, seguir em direção à **Canada da Assomada**, onde se pode ver a



8 Casa onde nasceu Dias de Melo

E depois à **Canada da Saúde**, onde se encontra a



9 Casa dos Pais, onde o escritor foi criado

Em chegando em frente da nossa Casa (a Casa construída por meu Pai – com que sacrifícios! –, éramos nós crianças, os mais velhos, os mais novos nem tinham nascido, já na nossa Casa vieram a nascer) mandei o condutor parar, paguei-lhe, disse-lhe que se podia ir embora, desci.
(À Boquinha da Noite)

De seguida, regressar ao **Terreiro** e tomar a **Canada da Costa**, depois a **Rua da Altamora**, **Rua Escritor Dias de Melo** e **Ramal da Calheta**, até ao Alto da Rocha, e descer a pequena e íngreme canada que conduz

à **Casa do Alto da Rocha do Canto da Baía**, local de escrita de muitos livros:



10

...descendo a canada com meu irmão, o António, os três de malas às costas, vocês atrás – tu olhas o tecto da nossa Cabana do Pai Tomás acaçapada aos nossos pés, o mar da nossa Baía em baixo, a nossa menina colhia de entre as ervas do chão uma flor silvestre.
(Crônicas do Alto da Rocha do Canto da Baía)

Subido o calvário da canada de acesso e saída da nossa Cabana do Pai Tomás, cá vou por estes caminhos que conheço desde menino.
(Poeira do Caminho)



VILA DE SÃO ROQUE



11 Casa do Alto do Canto da Rocha – A Cabana do Pai Tomaz



E fico-me, no gelo deste dia de Janeiro, a olhar o nevoeiro para além das janelas, aqui, nesta nossa Cabana do Pai Tomaz, neste nosso Alto da Rocha do Canto da Baía. E à espera... à espera... à espera...
(Crônicas do Alto da Rocha do Canto da Baía)

Subindo a canada, seguir para **este pela Ladeira do Miradouro**, seguir o caminho do Portal do Cabeço, e, confluindo com a **Estrada Regional 1-2A**, até ao centro da Freguesia da **Piedade** (cerca de 4,5 Km), no extremo da Ilha, onde se encontra o



12 Curral da Pedra

E por ali fora iam cantando, sempre cantando, até que desembocávamos na Festa, no seio da multidão que se arrebanhava no terreno da Festa, o Curral da Pedra.
(Poeira do Caminho)

Em boas condições atmosféricas, pode ver-se a ilha de **S. Jorge**, a norte, e, ao longe, para **nordeste**, a ilha **Terceira**. Tomar de seguida o **caminho municipal** (2 Km) que conduz à



13 Baía do Calhau, já na costa norte da ilha

E aqui, no caminho do Calhau, os baleeiros pasmam para os botes – os seus botes! – e a lancha rasgando as águas da baía, à abrigada de terra.
(Mar pela Proa)

Regressar ao centro da **Piedade** e tomar a **Estrada Regional 1-2A**, na direção **noroeste**, até à Freguesia da **Ribeirinha** (2 Km), passando-se pela



14 Casa onde nasceu D. José Vieira Alvernaz (1898-1986), Patriarca das Índias, na rua com o seu nome

Retomar a **Estrada Regional 1-2A**, na direção **noroeste** (cerca de 11 Km), até à **Canada da Costa** que desce para a Freguesia de **Santo Amaro**, seguindo-se até ao



15 Porto de Santo Amaro

A "Ilha Morena" adiante, os dois botes e o "Deixa-Andar" atrás, colados à costa, abicando a Santo Amaro, a freguesia encolhida junto à igreja humilde. Ao largo, a meio Canal, lá onde não chega a protecção da terra, – o mar que rebenta em carneiradas brancas.
(Mar pela Proa)



escala: 1/10 000
fonte: DRT, 2006

Daqui, pode seguir-se na direção **este**, junto ao mar, até à **Rua do Canto**, que termina na baía do mesmo nome, de onde se pode admirar a



16 Rocha da Terra Alta

O vento redemoinha nos frangalhos das urzes e das faixas enraizadas pela Rocha da Terra Alta arriba, que se despenha a prumo, da altura de algumas centenas de metros, nas águas esverdeadas e pouco profundas.

(Mar pela Proa)

VILA DE SÃO ROQUE

Regressar ao centro de **Santo Amaro** e retomar a **Estrada Regional 1-2A**, na direção **noroeste**, até ao **Cais do Pico** (16 Km), virar à direita na **Rua do Cais**, e visitar o



17 Cais Velho

Terra de gente do mar, um dos portos melhor colocados para saída e entrada da Ilha nas ligações com o mundo das Ilhas de Leste (o que não significa que seja o de melhores condições naturais para o serviço e a segurança das embarcações), o Cais do Pico desde há muitos anos, talvez desde finais do século passado, foi terra de baleeiros. (...) Na década de 40, alcançou posição preponderante de progresso no conjunto de todos os portos baleeiros do Pico.

(Na Memória das Gentes)



18 Museu da Indústria Baleeira, Polo do Museu do Pico

A ascensão e o prestígio do Cais do Pico acentuar-se-iam, não já propriamente pelas suas lanchas, agora, lanchas boas, de velocidade, todas as tinham, mas pela sua fábrica de aproveitamento integral das baleias, a primeira instalada no Pico.

(Na Memória das Gentes)

Regressar em sentido inverso até à **Estrada Regional 1-2A**, seguir no sentido **sudoeste**, tomando de seguida a **Estrada Regional 1-2A**, transversal à Ilha, até ao lugar de **Silveira**, na **Vila das Lajes** (cerca de 20 Km), e apreciar os magníficos panoramas do interior da Ilha. Confluir com a **Estrada Regional 1-2A**, e segui-la no sentido **oeste**, na direção da vila da **Madalena**. Ao passar pela Freguesia de **São João** (5 Km), encontra-se à beira da Estrada a



19 Casa onde nasceu, viveu e morreu o poeta Bernardo Maciel (1874-1917)

Prosseguir pela mesma Estrada até à Freguesia de **São Mateus** (12 Km), que marca a transição do Sul do Pico para a região da **Fronteira**, e descer ao



20 Porto de São Mateus



21 Casa dos Botes

Se bem que em S. Mateus se tivesse já arriado à baleia, lá estavam as caldeiras de derreter encostadas à muralha, a um canto do varadouro, e que em S. Mateus se viesse a instalar, na década de 40, a nova armação (...), não me parece que S. Mateus tenha sido, ou seja, verdadeiramente, terra de baleeiros, nem sequer de gentes do mar, marinheiros, pescadores, embora possuísse embarcações da pesca artesanal, chatas principalmente, e um barco de cabotagem.

(Na Memória das Gentes)

Regressando à **Estrada Regional 1-2A**, seguir para **oeste** até se encontrar (4,7 Km), para a esquerda, o caminho de acesso ao lugar do **Guindaste**, onde ainda existe, em estado de ruína, o



22 Solar dos Arriagas, da família de Manuel de Arriaga (1840-1917), primeiro Presidente da República Portuguesa que, segundo opiniões não confirmadas, aqui teria nascido acidentalmente



VILA DA MADALENA

Em frente à casa, atravessando-se a estrada, encontra-se o pequeno



23 Porto do Guindaste, por onde eram embarcados os barris do vinho produzido nesta e nas propriedades vizinhas

Retomando a **Estrada Regional 1-2A**, seguir para **oeste** até à Freguesia de **Criação Velha** (7,7 Km), entrando-se à direita na **Rua Direita** e depois na primeira à esquerda, **Rua das Dores**, onde existe a



24 Casa onde nasceu o escritor Martins Garcia (1941-2002), amigo de Dias de Melo

VILA DA MADALENA

Daqui, seguir a **Rua das Dores** para **noroeste**, virar à esquerda na **Rua do Capitão Mor**, cruzar com a **Estrada Regional 3-2A**, virar à esquerda na **Rua Secretário Teles Bettencourt**, seguir em direção à **Rua do Carmo**, cruzar a **Estrada Regional 1-2A** (**Rua Carlos Dabney**), até se encontrar o



25 Museu do Vinho, Polo do Museu do Pico, instalado no antigo Convento das Carmelitas (séculos XVII/XVIII)

E aí para esses lados da Fronteira, as uvas e os figos são a única fonte de receita de muita gente, as uvas e os figos que dão, as uvas o vinho, os figos a aguardente.

((Crónicas do Alto da Rocha do Canto da Baía))

Regressar à **Estrada Regional 1-2A** (**Rua Carlos Dabney**), virar à direita em direção ao centro da vila da **Madalena**, terminando o percurso à entrada do



26 Porto velho da Madalena

A vila da Madalena, a espriar-se, com seu casario, ao redor da sua igreja de torres esguias ao lado das esguias araucárias, naqueles campos de vinhedos, (...), debruçada sobre o Canal e de braços abertos para o Faial fronteiro e próximo, é o grande centro da vida intensa e progressiva da Fronteira. O seu porto, onde já se arriou à baleia, hoje a ser totalmente reconstruído e ampliado, é porta de saída e entrada para quantos e para tudo, de toda a Ilha e principalmente da Fronteira, vai e vem do Faial.

(Na Memória das Gentes)



DIAS
DE MELO

ROTEIROS CULTURAIS DOS

AÇORES

Personalidades



TÁBUA CRONOLÓGICA de DIAS DE MELO

1925	8 de abril: José DIAS DE MELO nasce na Calheta de Nesquim, concelho de Lajes do Pico.
1940	Julho: presta provas de admissão ao Liceu Nacional da Horta.
1944	Novembro: Funda, na Horta, a Associação Cultural Académica. 20 de dezembro: Publica o seu primeiro texto literário, o soneto “Inspiração,” no jornal <i>O Telégrafo</i> , da Horta.
1949	Fixa residência em Ponta Delgada, onde exerce a docência no Ensino Primário.
1954	Publica o seu primeiro livro, <i>Toadas do Mar e da Terra</i> , poesia.
1958	Publica o seu primeiro livro de ficção, <i>Mar Rubro</i> , crónicas romanceadas (2.ª ed. 1980).
1961/62	Adquire a casa do Alto da Rocha do Canto da Baía, que desde logo designa <i>A Cabana do Pai Tomás</i> .
1964	Publica o romance <i>Pedras Negras</i> (2.ª ed. 1985, 3.ª ed. 2003; trad. para inglês, <i>Dark Stones</i> , 1988).
1968	4 de janeiro: Publica no jornal Correio dos Açores, de Ponta Delgada, a sua primeira crónica, “Café Amargo”, da série “Fumo do Meu Cachimbo”.
1971	Publica <i>Cidade Cinzenta</i> , contos e crónicas.
1973	Apresenta a dissertação didático-pedagógica, <i>Tentativas de Teatro na Escola</i> . Publica <i>Na Noite Silenciosa</i> , <i>Poemas de Natal</i> (2.ª ed. 2007).
1976	Professor do Ensino Preparatório na Cova da Piedade (Almada). Publica <i>Mar pela Proa</i> , narrativa açoreana. 27 de março: inicia a colaboração regular no <i>Diário de Lisboa</i> .
1978	Professor do Ensino Preparatório nas Lajes do Pico.
1979	Publica <i>Vinde e Vede</i> , contos e crónicas.
1983	Publica <i>Vida Vivida em Terra de Baleeiros</i> , crónicas.
1985	Início da publicação de <i>Na Memória das Gentes</i> , recolha etnográfica sobre a baleação na ilha do Pico (obra em 6 volumes, o último dos quais, publicado em 1991, contém uma recolha de contos populares).
1986	Publica <i>Uma Estrela nas Mãos do Homem</i> , contos.
1988	Publica a monografia <i>Lira Fraternal Calhetense</i> , sobre a Filarmónica da Calheta de Nesquim.
1990	Publica <i>Das Velas de Lona às Asas de Alumínio</i> , narrativa de viagem. 27 de janeiro: Distinguido com o grau de <i>Oficial da Ordem do Infante D. Henrique</i> , pelo Presidente da República Mário Soares. 8 de agosto: termina a sua colaboração regular no <i>Diário de Lisboa</i> .
1991	Publica <i>Nem todos têm Natal</i> , novela.
1992	Publica <i>O Menino deixou de ser Menino</i> , novela, <i>Aquém e Além-Canal</i> , crónicas, e <i>Tempos Últimos</i> , romance.
1993	Publica <i>A Viagem do Medo Maior</i> , novela.
1994	Publica <i>Pena Dela Saudades de Mim</i> .
1995	Publica <i>Crónicas do Alto da Rocha do Canto da Baía</i> .
1996	Publica <i>Inverno sem Primavera</i> .
1999	Publica o romance <i>O Autógrafo</i> .
2000	Publica <i>Reviver: na Festa da Vida a Festa da Morte</i> , narrativa.

- 2001** Publica *À Boquinha da Noite*, narrativa.
-
- 2002** **14 de maio:** a Câmara Municipal das Lajes do Pico atribui-lhe o título honorário e a chave de ouro do concelho. Publica o romance *Milhas Contadas* (Lisboa).
-
- 2003** **21 de janeiro:** homenagem na Livraria *Ler Devagar* (Lisboa).
-
- 2004** **6 de fevereiro:** A RTP-Açores apresenta o documentário “Toadas do Mar e da Terra,” com realização de José Medeiros, sobre Dias de Melo. Publica *Poeira do Caminho, Reminiscências do Passado, Vivências do Presente*.
-
- 2005** **15 de março:** a Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores aprova por unanimidade um voto de congratulação pelos 50 anos de vida literária.
-
- 2008** **2 de maio:** homenagem pública, por iniciativa da Presidência do Governo dos Açores, na Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada. **6 de maio:** distinguido com a *Insígnia Autonómica de Reconhecimento*, pela Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores. **10 de maio:** escreve a sua última crónica, “Conductor Ladrão”, que só viria a ser publicada no *Açoriano Oriental*, de Ponta Delgada, a 24 de setembro de 2010. **24 de setembro:** morre em Ponta Delgada. **4 de novembro:** é inaugurada a exposição *Dias de Melo: Memória de Mim*, em Ponta Delgada.

Um percurso pelo Pico de Dias de Melo

Duas bacias interiores de águas mansas e transparentes, a um lado a Maré, aonde aportaram pela primeira vez os marinheiros do Infante e aonde se construiu o primeiro templo da Ilha, a ermida de S. Pedro, ao outro a Alagoa. Em frente à Maré e em frente à Alagoa, para lá da longa muralha de defesa da vila o extenso lajedo de basalto negro e áspero, rasgado pela Carreira, canal estreito, torcido e retorcido, pouco profundo e muito traiçoeiro, que estabelece a ligação com o mar largo, por ele entram e saem as embarcações que demandam e partem das Lajes e nele têm os marítimos desta vila vivido horas de tragédia.

(Na Memória das Gentes)



produção e coordenação... Direcção Regional da Cultura dos Açores / Abril de 2012
 direcção científica e textos... Luiz Fagundes Duarte
 fotografia, concepção e impressão... Bizex Projectos
 capa... Retrato de Dias de Melo, por Fátima Madruga, Coleção Museu dos Baleeiros, Lajes do Pico
 isbn... 978-972-647-283-4 depósito legal... 346745/12
 © Direcção Regional da Cultura dos Açores, todos os direitos reservados



Governo dos Açores

PRESIDÊNCIA DO GOVERNO
 Direcção Regional da Cultura



DIAS
DE MELO

Personalidades

ROTEIROS CULTURAIS DOS
AÇORES